



Por Amanda Campos

Versatilidade. É o que o mercado profissional exige, e o conceito que deve ser adotado pelos profissionais da economia, de acordo com Gesner Oliveira. E desde que se graduou economista pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), Oliveira coloca isso em prática. O economista já foi secretário interino de acompanhamento econômico do Ministério da Fazenda, presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e do próprio Conselho Regional de Economia de São Paulo (CORECON-SP).

Hoje, como professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Oliveira afirma que as universidades também precisam aderir ao conceito dinâmico da profissão e que os currículos devem sempre ser atualizados. Doutor em economia pela Universidade da Califórnia (UCLA, em inglês), nos EUA, e mestre na área pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Oliveira acredita que para chegar à universalização de políticas públicas como saneamento básico, o Brasil precisa atingir os “300%” ideais. “São 100% de distribuição de água, 100% de coleta de esgoto e 100% de tratamento de esgoto”, explica.

Economia dinâmica

Ex-presidente da Sabesp, Gesner Oliveira faz um balanço sobre sua gestão e aponta quais avanços devem ser prioritários em áreas como sustentabilidade e ensino universitário no Brasil

Também sócio da GO Associa- dos, o mestre em economia analisa a relação entre as áreas empresarial, acadêmica e social. Quem souber atuar nos segmentos simultaneamente garantirá mais espaço no mercado de trabalho, defende. Segundo Oliveira, ter a capacidade de traduzir conhecimento econômico teórico em prático é importante, pois o economista deve ter a preocupação de dialogar com todas as ciências.

O Economista – Como avalia sua gestão frente à Sabesp, de 2007 a 2010?

Gesner Oliveira – Avançamos em vários aspectos importantes. Vou enumerar os três principais. O primeiro é que dobramos o patamar de investimento da empresa. A Sabesp investia, entre 2003 e 2006, cerca de R\$ 800 milhões ao ano em água e esgotamento sanitário. De 2007 a 2010, passamos para R\$ 1,8 bilhão anuais. Mais que dobramos o patamar de investimento. O segundo é a expansão da Sabesp para novos municípios. A companhia fez parcerias para atuar em cidades onde ela antes nunca havia atuado. É o caso de Mogi Mirim, onde fizemos parceria com a OHL Brasil. Depois, foi firmado acordo com a Foz do Brasil para produzir água de reuso no pólo petroquímico de Capuava (SP). Não é água potável, mas é importante para o processo industrial, pois permite seu desenvolvimento. Houve ainda a geração de eletricidade por pequenas centrais de hidroelétricas, o que

é uma novidade. Terceiro aspecto importante é a difusão de uma área sustentável na empresa. A Sabesp não tinha área focada no meio ambiente. Mas a companhia se transformou em uma empresa de soluções ambientais.

O Economista – Levantamento do IBGE realizado entre 2000 e 2008 define a região Sudeste como a única do País onde todos os municípios têm abastecimento de água por rede geral em pelo menos um distrito. O senhor acredita que esse é o grau máximo de desempenho das instituições ligadas a distribuição de água?

Oliveira - A Sabesp hoje é um modelo de empresa, de investimento. E avançou muito nesse aspecto da distribuição de água. Mas ainda há muito a ser feito. Tem toda a meta de universalização. Onde queremos chegar? O ideal é atingirmos, em todos os municípios, o que nós chamamos de “300%”: 100% de distribuição de água, 100% de coleta de esgoto e 100% de tratamento de esgoto. Essa é a situação que podemos considerar ideal.

O Economista – Sua experiência como presidente do CADE e nas outras funções que o senhor desempenhou em sua carreira influenciaram a atuação como professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV)?

Oliveira - Há alguma influência, sim. Nós sempre trazemos para a sala de aula nossas experiências profissionais. Assim como

a experiência na administração de uma empresa pública é um importante exemplo para os alunos, a discussão sobre a presidência do CADE também é relevante. Por causa do conhecimento que essas oportunidades me deram. Em relação ao CADE, me aprofundei em casos de análise, carteis, abuso do poder econômico, etc. Esses aspectos são inclusive temas de debates na FGV, e me permitiram também orientar teses de alunos sobre o assunto e realizar uma série de atividades acadêmicas.

O Economista – Qual sua avaliação sobre a grade curricular dos cursos de ciências econômicas?

Oliveira - Avançamos no ponto de vista de difundir a função do economista no mercado de trabalho. Mas eu ainda chamaria a atenção dessas instituições para que a grade curricular do curso seja sempre atualizada, seguindo o caráter dinâmico do mercado de trabalho. O mercado exige hoje um profissional com grande capacidade analítica e bastante versátil, que possa aplicar o instrumental teórico da economia nos diferentes campos de atividade. Hoje, acredito que a economia do meio ambiente deva ser incluída na grade. Porque abordáramos as soluções ambientais e da saúde. O economista hoje é chamado para um conjunto mais amplo de atividades. E também para ações multidisciplinares. O currículo de economia e as faculdades devem ter em mente que se deve formar profissionais prontos para atuar em empresas que precisam de res-

postas muito mais abrangentes e complexas do que em relação às do passado.

O Economista – *Então aumentaram as possibilidades de atuação no campo profissional?*

Oliveira - Sim. Mas é importante que principalmente os jovens economistas trabalhem muito em três aspectos: capacidade analítica, capacidade de resolver problemas com um instrumental teórico sólido e preocupação com o diálogo. É muito importante saber traduzir as boas ideias e conceitos teóricos para a população, assim como a tomada de decisão das empresas. É importante que o economista tenha sensibilidade de transitar bem do conceito teórico para o empresarial. O economista sempre deve ter a preocupação de dialogar com todas as ciências. Tem que estar apto a filosofia, sociologia, bem como ciências físicas e químicas, importantes para a economia de baixo carbono.

O Economista – *Por causa do vazamento nuclear na usina de Fukushima, no Japão, muito se comenta sobre a segurança do meio ambiente e da população, caso haja um problema semelhante em Angra dos Reis (RJ). Em sua opinião, o Brasil estaria preparado para administrar uma situação dessas?*

Oliveira - Essa é uma questão fundamental para todos os países que utilizam a energia nuclear. Eu acho que existem salvaguardas para enfrentar situações de

vazamento, mas o episódio de Fukushima nos obriga a rever - e isso não se limita ao Brasil, mas a todos os países que utilizam energia nuclear - os sistemas de segurança e de revisão. É claro que eles (japoneses) enfrentaram terremotos de enormes proporções, mas acredito que o vazamento ilustra o fato de que a tecnologia precisa avançar muito para prevenir acidentes nucleares.

O Economista – *No artigo “Tecnologia e eficiência no saneamento”, o senhor afirma que o saneamento constitui um dos segmentos mais atrasados da infraestrutura brasileira. De que forma o País pode reverter essa situação?*

Oliveira - É inaceitável que o saneamento continue tão atrasado no País. E para reverter essa situação, são necessários alguns ingredientes básicos. Você precisa de planejamento, um plano nacional de saneamento previsto na lei. Precisa ter também um plano nacional que oriente, por exemplo, as carteiras de financiamento da Caixa Econômica e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Hoje você não tem plano nacional. Cada estado e município precisa ter seus planos de saneamento. São obras grandes que requerem tempo, recursos e que não podem ser interrompidas, sob pena de um custo muito alto. A maioria das empresas estaduais de saneamento apresenta problemas de gestão. É preciso haver um esforço grande para reduzir esse

número. A perda média do Brasil em distribuição de água é de 40%. Em países como o Japão, esse índice é menor que 10%. São recursos perdidos que poderiam estar investidos em outros setores.

O Economista – *O senhor já presidiu o CORECON-SP, qual a importância de um economista no comando de uma estatal com a Sabesp?*

Oliveira - A formação de economista ajuda muito na administração tanto pública quanto privada, tanto na direta quanto na indireta. A formação do economista permite abordar vários assuntos que saem do cotidiano de um executivo. Ela também permite análise do cenário macroeconômico, o que ajuda a tomar decisões mais adequadas para cada momento. Nisso a formação de economista ajudou bastante no trabalho.

O Economista – *Foi essa versatilidade na profissão que o levou a escolher a economia?*

Oliveira - Confesso que se hoje eu fosse entrar na universidade novamente, eu escolheria o curso por essa razão. Mas optei pela economia pelo poder de tratar assuntos importantes do ponto de vista da sociedade. A questão da inovação, do progresso técnico, são questões apaixonantes. Por que um país se desenvolve e outras regiões do mundo não se desenvolvem? O que é preciso fazer para darmos um salto nesse desenvolvimento? Foram respostas que procurei na área.